

Haddad diz não ter prazo para cortes; dólar chega a maior valor desde 2021

Haddad diz não haver prazo para corte de gastos, e dólar sobe para R\$ 5,76, maior valor desde 2021

Após reação do mercado financeiro, Lula se reúne com ministro, assessores e Galípolo no Palácio da Alvorada

SÃO PAULO E BRASÍLIA O dólar fechou em forte alta de 0,95% nesta terça (29), cotado a R\$ 5,762, em meio a preocupações do mercado sobre as contas públicas do Brasil, influenciadas também por declaração do ministro Fernando Haddad (Fazenda) de que não há prazo para o anúncio de medidas de contenção de gastos do governo.

Essa é a maior cotação para a moeda desde 29 de março de 2021, quando fechou em R\$ 5,767. Na máxima da sessão, chegou a R\$ 5,766. O real foi a divisa que mais se desvalorizou nesta terça, em comparação às principais do mundo. Também pesou para a desvalorização do câmbio a divulgação de dados de emprego dos EUA, que fortaleceram o dólar mundialmente.

Já a Bolsa fechou em queda de 0,37%, aos 130.729 pontos. Em entrevista no fim da tarde, Haddad disse que não há prazo para a divulgação de medidas para cortes de gastos. O ministro afirmou também que a decisão final será do presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT).

"Não tem uma data. Ele [Lula] que vai definir", disse Haddad a jornalistas. "Ele está pedindo informações e estamos fornecendo as informações que ele está pedindo", complementou. O ministro afirmou que, por enquanto, não há vetos de Lula às medidas apresentadas.

"Estamos avançando na conversa. Estamos falando muito com o Planejamento também. [...] Estamos fazendo as contas para fazer algo ajustadinho".

Na noite desta terça, em meio ao desconforto do mercado com a declaração, o ministro foi a uma

reunião com Lula no Palácio da Alvorada, em encontro que não estava na agenda das autoridades. Também estavam presentes o futuro presidente do Banco Central, Gabriel Galípolo, que é ex-número 2 da Fazenda, além de Dario Durigan e Guilherme Mello, atuais secretários da pasta.

Conforme apurou a Folha, o encontro tinha como objetivo discutir o pacote fiscal, assim como a reunião realizada na segunda (28). A convocação respondeu à pressão do mercado.

A pretensão de encaminhar ao Congresso ainda em 2024 um pacote de revisão de gastos estruturais foi anunciada pela ministra Simone Tebet (Planejamento e Orçamento) em 15 de outubro.

Na ocasião, Tebet afirmou que potenciais medidas já aprovadas pelo crivo da equipe econômica seriam apresentadas a Lula logo após o segundo turno das eleições, realizado no domingo (27).

O mercado, em resposta, passou a alimentar uma expectativa crescente por medidas concretas que reduzissem o desequilíbrio das contas públicas. Mas a falta de previsão reforça "demora do governo em adotar medidas fiscais mais responsáveis", diz Rubens Cittadin, operador de renda variável da Manchester Investimentos. "O perfil fiscal expansionista do governo não agrada ao mercado, especialmente no que se refere ao cumprimento das metas de inflação."

Para Matheus Massote, especialista em câmbio da One Investimentos, o fato de o pacote ainda precisar da aprovação de Lula pode "dificultar o processo e afastar a concretização das medidas".

Dólar minuto a minuto nesta terça



Cotação do dólar desde 2021



Fonte: CMA

"O surgimento desses rumores foi o que movimentou os preços no início da tarde, levando o dólar a ultrapassar os R\$ 5,76. Esse cenário gerou um descolamento ainda maior do real em relação a outras moedas de emergentes."

A trajetória das contas públicas ainda é um dos focos de pressão inflacionária. O presidente do Banco Central, Roberto Campos Neto, tem reforçado que é necessário um choque fiscal positivo para que a taxa de juros básica do país, a Selic, possa cair.

O Copom (Comitê de Política Monetária) do BC irá se reunir entre os dias 5 e 6 de novembro para decidir sobre o patamar da taxa. A expectativa do mercado é de um movimento mais agressivo por parte do comitê: uma alta de 0,50 ponto percentual na Selic.

O colegiado reiniciou o ciclo de altas na reunião de setembro, quando optou por um aperto de 0,25 ponto percentual e levou os juros a 10,75% ao ano. Desde então, os dirigentes têm reforçado que as próximas decisões estão à mercê dos dados econômicos, em especial os de inflação.

Considerado uma "prévia" da inflação, o IPCA-15 acelerou a 0,54% em outubro, após marcar 0,43% em setembro. O resultado ficou acima da mediana das projeções de 0,51%, e levou o acumulado de 12 meses a acelerar para 4,47%.

A meta é de 3%, com tolerância de 1,5 ponto percentual.

Com Reuters

Vitor Hugo Batista, Tamara Nassif, Mariana Gualter, Nathalia Garcia e Adriana Fernandes

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Folha de S. Paulo

Seção: Mercado Caderno: A Pagina: 15